



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

MARS ATTACKS! / 1996

(Marte Ataca!)

um filme de Tim Burton

Realização: Tim Burton / **Argumento:** Jonathan Gems, segundo a série de cartões da Topps / **Fotografia:** Peter Suschitzky / **Montagem:** Chris Lebenzon / **Música:** Danny Elfman / **Direção Artística:** Wynn Thomas / **Figurinos:** Cohleen Atwood / **Efeitos Especiais:** Michael Lantieri (supervisor) / **Efeitos Visuais dos Marcianos:** Industrial Light & Magic (animação) / **Efeitos Visuais Especiais:** Warner Digital Studios - Ellen Somers (supervisão) / **Design das Figuras e Naves Marcianas:** MacKinnon & Saunders Ltd / **Design de Som:** Randy Thom / **Genérico:** Robert Dawson - Pacific Title / **Intérpretes:** Jack Nicholson (Presidente James Dale / Art Land), Glenn Close (Marsha Dale), Annette Bening (Barbara Land), Pierce Brosnan (Donald Kessler), Danny De Vito (um jogador), Martin Short (Jerry Ross), Sarah Jessica Parker (Nathalie Lake), Michael J. Fox (Jason Stone), Rod Steiger (General Decker), Tom Jones (o próprio), Lukas Haas (Richie Norris), Natalie Portman (Taffy Dale), Jim Brown (Byron Williams), Lisa Marie (Marciana), Sylvia Sidney (Avó Norris), Paul Winfield (General Casey), Pam Grier (Louise Williams), Jack Black (Billy Glenn Norris), Janice Rivera (Cindy), Ray J. (Cedric), Brandon Hammond (Neville), Joe Don Baker (Glenn Norris), O-Lan Jones (Sue Ann Norris), Christina Applegate (Sharona), Brian Haley (Mitch), Jerzy Skolimowski (Dr. Zeigler), Timi Prulhiere (guia turístico), Barbet Schroeder (presidente da França), Chi Hoang Kai (Mr. Lee), Tommy Bush (hillbilly), Joseph Mahler (decorador), Gloria M. Malgarini, Betty Bunch, Gloria Hoffmann (freiras), etc.

Produção: Tim Burton e Larry Franco, para a Warner Bros / **Cópia:** Digital, legendada eletronicamente em português, 105 minutos / **Estreia em Portugal:** Alfa, Alcântara, Monumental, Quarteto, Warner Lusomundo Olivais e Cascais (Lisboa), em 7 de março de 1997.



Um dos mais bonitos e sugestivos rostos do cinema americano dos anos 30, Sylvia Sidney, atriz de eleição de Fritz Lang (**Fury**, **You Only Live Once**, **You and Me**), teve a sua última aparição no cinema em **Mars Attacks!**, uma despedida cheia de graça em que o seu rosto envelhecido, mas ainda com algo do mistério que fazia parte do seu fascínio, parece trocar um pouco de tudo e de todos, numa espécie de gargalhada homérica sobre o mundo de “faz de conta” que é o cinema, e num filme que é também a suprema irrisão de alguns dos seus mais populares mitos, arquétipos e ícones. Irrisão que tem sido,

desde sempre a forma que torna o cinema de Tim Burton na aproximação a esses mitos, mesmo quando o faz como homenagem (e, no fim de contas, é sempre assim que ele o faz), por vezes comovida (**Vincent**, a sua primeira curta-metragem, dedicada a Vincent Price, **Ed Wood**). Mas com **Mars Attacks!** a paródia atinge níveis ferozes, aproximando-se, neste caso, de um Joe Dante (em especial o irresistível **The Second Civil War/A Segunda Guerra Civil Americana**) e da fúria iconoclasta do magnífico **Escape From L.A.** de John Carpenter. Como Carpenter, Burton é possivelmente o mais lídimo representante de um cinema “pós-moderno” dentro da *mainstream* da produção de Hollywood, no sentido em que vampiriza todos os modelos primitivos das narrativas cinematográficas clássicas, para os “transformar” em novas formas de narração. Burton vai mais longe ainda, em especial em **Mars Attacks!** e **Batman Returns**, porque neles investe em outras iconografias da cultura popular. **Mars Attacks!** é uma verdadeira obra-prima da *pop culture*, um perfeito filme *camp* que explora e subverte estes conceitos.

O ponto de partida de **Mars Attacks!** é uma série de cromos que foram lançados em 1962 pela companhia Bubbles, filial da Topps, embrulhando pastilha elástica, forma de promoção das guloseimas entre as crianças e adolescentes que tentavam formar a coleção completa e disputavam entre si os números mais raros (exemplos do método entre nós, como embrulho de rebuçados, tivemos com artistas de cinema e futebolistas, pelo menos os que recorda quem estas linhas escreve). No caso de **Mars Attacks!** porém, os desenhos e a história recheados de “violência”, alarmou os pais que exigiram da companhia a retirada de tais cromos. O que esta fez, transformando o que tinha sido lançado numa série de “culto” de fanáticos, que foram os seus primeiros compradores (entre os quais Burton) e numa raridade que “disparou” o seu valor entre os colecionadores (uma coleção completa pode valer à volta de mil contos). Contando com a tecnologia da Industrial Light & Magic, de Lucas-Spielberg, e da Warner Digital Studios, Tim Burton deu “vida” à série que tanto o deliciou em criança. Mas não o fez no estrito “respeito” pelo “espírito” da coleção, antes o aproveitou para uma genial incursão pela sátira mais radical sobre a civilização de consumo e prazer (Las Vegas é arrasada) e sobre as entidades do poder político e económico, expostos e literalmente “esmagados”: a mulher do presidente sob o lustre de Nancy Reagan na Casa Branca, o empreiteiro sob a gigantesca esfera no cume do edifício, sendo reservada para o presidente a morte mais cínica: a mão que lhe dá “palmadinhas” nas costas e se transforma em punhal que o atravessa! (querem metáfora política mais clara?). Burton mostra também, a “brincar” como o poder económico e político são duas faces da mesma medalha: o presidente e o empreiteiro são interpretados pelo mesmo ator, Jack Nicholson, portentoso de cabotinismo (em papéis em que o cabotinismo se impõe). Mas nada fica de pé (literalmente) nesta farsa, com Burton explorando e parodiando uma série de arquétipos que no cinema de série B dos anos 50 representavam as instâncias do poder e do saber: o poder militar com os generais conciliadores (Paul Winfield) e militaristas (Rod Steiger, potenciando cabotinamente o militarismo de Sterling Hayden/Jack D. Ripper em **Dr. Strangelove**), o cientista (Pierce Brosnan irresistível) repetindo o lugar comum de tantos filmes B de ficção científica dos anos 50 (**The Thing** de Christian Nibby/Howard Hawks, por exemplo) que “uma inteligência avançada é logicamente pacífica”, cujo excesso de confiança fará dele vítima de uma estranha experiência dos marcianos (não tão estranha como a de que é vítima Sarah Jessica Parker, a apresentadora de televisão “cruzada” com o seu cãozinho de regaço!). No meio desta loucura desenfreada ninguém se salva. Mesmo os “salvadores” do mundo são objeto de paródia desenfreada: o jovem Lukas Haas com a avó (Sylvia Sidney) fazendo rebentar os marcianos ao som “I’m Casting My Lasso Towards the Sky” por Slim Whitman, que faz “arrepia” o cantor de “charme” Tom Jones outro “salvador” do mundo. Todo o cinema de ficção científica B dos anos 50 é também objeto de homenagem e paródia, de **The Day Earth Stood Still/O Dia Em Que a Terra Parou** (a saída dos marcianos das naves) a **War of the Worlds/A Guerra dos Mundos** e **Earth Vs. Flying Saucers/A Invasão dos Discos Voadores** (uma pequena “obra-prima” *camp*) na destruição que os discos fazem pelo mundo e nas suas quedas.

Manuel Cintra Ferreira

(Texto originalmente escrito em 1999)